

O homem com a mão na boca

Hoje, bem cedo, na frente da padaria — dessas que parecem dizer “entre” só para alguns —, enquanto eu me esquentava no sol da manhã, um idoso, já curvado pelo tempo, com o rosto vermelho de frio, olhou para mim e disse: “bom dia, gatona”. Eu respondi: “bom dia”. Hesitei por poucos segundos e, sem pensar muito, devolvi: “bom dia, gato”. Sorrimos. Há encontros que ainda acontecem sem autorização.

Logo depois, um rapaz negro pediu algo para comer. Meu amigo entrou para buscar. O rapaz não entrou. Não porque não quisesse — mas porque sabia. Esses lugares têm portas, mas também têm códigos. E ele já os conhecia. Sentou-se do lado de fora.

Sentei-me ao lado dele. Perguntei como tinha sido a noite, se havia encontrado um lugar para dormir. “Não, mas pelo menos fiquei num lugar coberto e sem vento.” Eu pensei: “já é alguma coisa”. E engoli minha crueldade na saliva — a crueldade de quem chama de “começo” aquilo que é falta.

Comentei sobre abrigo. Ele disse que existem, sim. Mas não para todos. Não sempre. Não quando mais precisa. Falou de lugares cheios, de filas, de horários que não coincidem com o desespero, de portas que até abrem — mas não o suficiente.

Ele está em Campinas há um mês e sabe mais da cidade do que eu. Fala dos bairros, dos caminhos, dos lugares onde se pode ficar — ou de onde se é expulso. Fala também dos bicos que já tentou, dos trabalhos que não vieram, das portas que não se abrem quando o corpo carrega sinais de cansaço demais. Algumas cidades se apresentam melhor a quem precisa delas — ainda que seja apenas para mostrar onde não cabem.

Enquanto falava, levava a mão à boca. Tentava escondê-la. Mas eu vi. Eu vi os dentes gastos, falhando, como se também estivessem desistindo. Vi o esforço de não mostrar. Vi o gesto de quem já entendeu que até o sorriso pode ser um risco — sobretudo quando o mundo exige apresentação até para reconhecer humanidade.

E então ele começou a falar de política. Não como quem comenta, mas como quem vive dentro dela. “Aqui até tem ajuda”, disse. “Mas não dá conta. Tem

serviço, mas falta vaga. Tem trabalho, mas falta chance. Tem direito, mas nem sempre chega na gente.”

Naquele momento, a padaria já não era só uma padaria. Era um tipo de tribunal. Não desses onde se entra para falar, mas desses onde se aprende, sem que ninguém explique, que certos corpos não têm lugar nem palavra. Um tribunal sem juiz visível, mas com sentenças silenciosas.

Mas há outros tribunais. Lugares onde a palavra não precisa ser escondida atrás da mão. Onde o trabalho — quando negado, explorado ou invisibilizado — pode finalmente ser nomeado. Onde a dignidade não deveria depender de códigos não ditos.

Penso que construir cidadania talvez seja isso: deslocar o julgamento do silêncio para a escuta. Fazer com que mais pessoas atravessem portas não como quem pede licença para existir, mas como quem reconhece em si um direito.

O homem se despediu com um aceno breve, ainda com a mão próxima ao rosto. Fiquei ali, com a sensação de que há vidas inteiras vividas assim: pela metade da fala, pela contenção do gesto, pela antecipação da recusa.

E me ocorreu que desenvolver uma sociedade mais justa talvez não seja apenas criar novas estruturas, mas sustentar, no tempo, espaços onde ninguém precise esconder a própria boca para ser ouvido.

Marina Lee Colbachini
Pesquisadora